

DIFICULDADES DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO¹

*Regina Marques do Prado²
Sandra M. Penteado Ferreira Castro³*

RESUMO

Este trabalho investiga as habilidades de redação e leitura em português em alunos universitários, utilizando-se de um estudo de caso para fazer o diagnóstico do problema.

Palavras-chave: dificuldades; habilidades; leitura; escrita; alunos universitários.

ABSTRACT

This case study investigates reading and writing abilities in Portuguese of university students in order to point out problems that might exist.

Key words: difficulties; abilities; reading writing; university students.

INTRODUÇÃO

Devido à má qualidade do ensino público, tanto em nível fundamental como médio, algumas faculdades e universidades, sobretudo particulares, sentiram a necessidade de incluir nos currículos de seus cursos (outros que não o de Letras) cursos paralelos de língua portuguesa para melhorar as habilidades de leitura e escrita de seus alunos de modo a capacitá-los a exercer suas atividades acadêmicas. Esses cursos paralelos funcionam, na prática, como uma espécie de aula de recuperação de conteúdos esquecidos ou não aprendidos.

Em face da constatação inquietante de que alunos universitários não só vêm para a universidade com problemas de redação e leitura como também chegam a carregar estes problemas durante todo o curso universitário, decidiu-se que seria feito um estudo de caso com alunos do 4º ano do curso de Pedagogia de uma faculdade particular, na cidade de Jundiaí, em São Paulo, de modo a diagnosticar a existência ou não do problema naquele grupo, levando-se em conta que o estudo de caso tem um grande potencial para conhecer e compreender melhor um problema e pode servir como ponto de partida para sua solução.

¹ Este artigo é parte da monografia de conclusão do curso de Pedagogia, no Centro Universitário Padre Anchieta, em 2004; elaborado pela primeira autora sob orientação da segunda.

² Pedagoga formada pelo Centro Universitário Padre Anchieta.

³ Mestre em Linguística, pela UNICAMP, professora do Centro Universitário Padre Anchieta e da FATEC Jundiaí. smpfc@terra.com.br.

O ESTUDO DE CASO

Foi aplicado um questionário para uma classe de 70 alunos do 4º ano de Pedagogia do Centro Universitário Padre Anchieta, sobre sua capacidade e dificuldade de leitura e produção de textos, visando a estender as conclusões aos alunos dos cursos superiores em geral. Tais alunos haviam tido quatro aulas semanais de língua portuguesa em seu primeiro ano de curso, como parte da grade curricular.

Responderam ao questionário um total de 44 alunos, doravante identificados como sujeitos 1, 2, 3, e assim sucessivamente até o sujeito 44.

Foi-lhes aplicado um teste com 7 questões sendo que a 1ª e a 2ª eram questões de múltipla escolha em que, ao responder, o informante escolhia apenas uma alternativa; na 3ª, 4ª, 5ª e 6ª questões as respostas eram de múltipla escolha com a possibilidade de escolher mais de uma alternativa e havia uma 7ª questão aberta, dissertativa, no final (ver questionário em anexo).

O teste foi precedido por campos em que constavam informações gerais como nome, profissão, etc., como se vê em seguida:

Nome:
Idade:
Profissão:
Profissão do pai:
Profissão da mãe:
Formação ensino básico:
Formação ensino médio:
Cursos técnicos:
Outras faculdades:

Através dos resultados obtidos nestes campos, pudemos verificar que, dos 44 alunos que responderam ao questionário, mais da metade (30 alunos) tinha menos de trinta anos; isso nos mostra que era uma classe relativamente jovem, e a maioria era constituída de professores atuantes ou auxiliares de classe (32 alunos).

No ramo de atuação profissional do pai, a maioria atuante não tinha curso superior, e no ramo de atuação profissional da mãe havia um número expressivo de mães que não trabalhavam (20 mães).

Quanto ao Ensino Básico e Médio a maioria vinha da Escola Pública. Um total de 27 alunos fizeram cursos técnicos bastante diversificados, embora houvesse um número significativo de formandos do magistério (15 alunos). Além disso, a maioria dos alunos estava fazendo seu primeiro curso superior (40 alunos).

A partir de agora, serão expostos os resultados do questionário; nas questões 1 e 2 apenas uma alternativa deveria ser assinalada.

1) Você se considera um leitor:

a) eficiente	23 alunos
b) regular	20 alunos
c) ineficiente	01 aluno

2) Você se considera um escritor:

a) eficiente	19 alunos
b) regular	22 alunos
c) ineficiente	03 alunos

Pode-se supor através das duas primeiras questões que nem a leitura nem a escrita são problemas dentro do universo pesquisado, uma vez que a maioria do grupo se classificou como leitores e escritores, se não eficientes, regulares. O número ligeiramente superior de leitores eficientes frente aos escritores eficientes é consistente com a teoria sobre a relação leitura e escrita, uma vez que a escrita, além da leitura, implica também produção.

A partir destes dados, seria de se esperar que as questões seguintes (3, 4, 5 e 6), que tratam das dificuldades de escrita e leitura, e nas quais se pode assinalar mais de uma alternativa, tivessem poucos itens assinalados. Os 23 leitores eficientes e os 19 escritores eficientes, por exemplo, deveriam assinalar a alternativa **e** (não tem dificuldade) e, talvez, mais um outro item. O que se obteve foi o seguinte:

3) Suas dificuldades de redação estão ligadas a:

a) sua formação no ensino básico e fundamental	14 alunos
b) suas dificuldades de leitura	10 alunos
c) falta de prática de redação	24 alunos
d) falta de cursos de capacitação na área	11 alunos
e) não tem dificuldade	09 alunos

4) Suas dificuldades de leitura estão ligadas a:

a) sua formação no ensino básico e fundamental	11 alunos
b) falta de hábito de leitura em geral	19 alunos
c) falta de habilidade para leitura crítica e analítica	16 alunos
d) falta de cursos de capacitação na área	08 alunos
e) não tem dificuldades	12 alunos

Analisando-se sujeito por sujeito, vê-se que, em ambas as questões, apenas aproximadamente a metade dos leitores e escritores eficientes admitiu não ter dificuldades.

Na questão 3, há um número expressivo de alunos (24) que sentem dificuldades devido à falta de prática de redação. Isso nos mostra que, ao passarem por esta etapa na escola, algo ficou para trás, ou seja, ao fazerem uma redação foi-lhes pedido algo que não estava ao seu alcance ou, se estava, não era aceito pelo professor, pois, como afirma Franchi (1984) *“tudo o que na linguagem corrente do aluno não corresponda às normas é corrigido e estigmatizado pelo mestre”*. Destes 24 alunos, 4 consideravam-se escritores eficientes, um gritante paradoxo.

Há que se considerar também que não é apenas na escola que a prática da redação ocorre, embora o presente estudo não tenha meios de medir este dado; entretanto, não pode ser mera coincidência que o segundo número mais expressivo de escolhas (14) afirme, justamente, que a formação no ensino básico e médio seria a responsável por suas dificuldades de redação.

Já as respostas à questão 4 mostram como item mais assinalado o surpreendente número de 19 alunos que não têm o hábito de leitura. Na questão 1, 23 alunos se consideram leitores eficientes (conseguem ler todo tipo de texto desde que conheçam medianamente o assunto) e, novamente cruzando-se os dados sujeito por sujeito, foi possível perceber que os 19 que admitiram não ter o hábito da leitura haviam considerado a si mesmos como leitores eficientes. Como é possível que um leitor eficiente não tenha o hábito de leitura?

Deve-se também ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs pregam um envolvimento dos alunos com a linguagem, facilitado pelo professor. Que tipo de envolvimento com a leitura e escrita pode-se esperar dos alunos de um professor que não esteja ele mesmo envolvido?

As questões 5 e 6 dizem respeito ao que se poderia melhorar na leitura e escrita dos sujeitos.

Obteve-se o seguinte:

5) O que você melhoraria na sua leitura	
a) a capacidade de ler nas entrelinhas	32 alunos
b) a capacidade de apreender a idéia central	10 alunos
c) a capacidade de apreender os detalhes	09 alunos
d) a capacidade de ligar o texto que está lendo a outros lidos anteriormente	16 alunos
e) nada	03 alunos
6) O que você melhoraria na sua redação:	
a) a gramática	10 alunos
b) a ortografia	05 alunos
c) a ligação de um parágrafo com o outro	18 alunos
d) a capacidade de colocar no papel “as suas idéias”	28 alunos
e) nada	01 aluno

Vê-se, na questão 5, que a leitura mais básica do texto está relativamente dominada. É justamente a capacidade de ir além do texto (resposta **a** – ler nas entrelinhas e **d** – ligar o texto a outros lidos) que lhes falta.

Ressalta-se que houve 32 alunos que assinalaram o item **a** (ler nas entrelinhas), um número, portanto, consideravelmente maior do que os 23 alunos que se declararam leitores eficientes. Destes 23 alunos que se declararam leitores eficientes na questão 1, 17 alunos assinalaram, na questão 5, a resposta **a** – ler nas entrelinhas. Como podem ser leitores eficientes se encontram dificuldades de ler nas entrelinhas?

Na questão 6, é também preocupante o número de alunos (28) que admitem que é necessário melhorar a capacidade de colocar no papel “as suas idéias”, alternativa **d**. Dependendo da seriedade do problema, isso pode implicar a impossibilidade de comunicação por escrito. Nesta pesquisa, por exemplo, dos 18 alunos que se consideraram escritores eficientes, 8 alunos assinalaram a alternativa **d**. Como alguém que tem este problema pode ensinar (ou deixar aprender) sem reproduzi-lo?

Nas questões 1 e 2, 17 alunos se consideram leitores e escritores regulares; o normal seria que, nas questões 5 e 6, todos apontassem mais de uma alternativa para melhorar tanto na leitura como na redação, porém 7 alunos apontaram apenas 1 item, ou seja, o que declararam no início não se comprovou nas demais respostas. Ou eles não são leitores e escritores regulares (são eficientes) ou eles não conseguem diagnosticar seus problemas com objetividade.

Nas questões 3, 4, 5 e 6, 23 alunos assinalaram mais de dois itens, sendo que destes, 15 alunos consideram-se leitores eficientes. Como podem ser leitores eficientes se têm dificuldades de leitura e escrita em mais de dois itens a melhorar?

A questão 7 é aberta e dissertativa justamente para permitir que os alunos, depois de terem sido questionados sobre seu desempenho em leitura e escrita, avaliem como esse desempenho se reflete em sua prática. A questão é a seguinte:

Você se sente capaz de ensinar crianças ou outras pessoas a redigir, estimulando também a capacidade de leitura dos mesmos? Justifique sua resposta.

Dos 44 alunos que responderam à questão 7, ocorreu que:

- 26 alunos redigiram respostas curtas, o que impossibilitou uma análise mais detalhada;

- 18 alunos redigiram o suficiente para uma análise mais detalhada.

Dos 26 alunos que deram respostas curtas, 11 alunos, ou seja, 42%, tiveram erros de gramática e ortografia; 7 alunos não conseguiram justificar ou a justificativa ficou implícita; 8 alunos não tiveram nenhum erro.

Dos 18 alunos que redigiram o suficiente para uma análise mais detalhada, o número de sujeitos que cometeu erros de gramática e ortografia caiu para 6.

Vê-se que entre os que tiveram maior segurança para redigir houve menos erros (tomando-se erro como o que é diferente da norma gramatical). Esses dados tornam-se mais significativos quando se leva em conta que em respostas muito curtas (1 ou 2 linhas, como se viu nas 26 respostas anteriores) quase não há espaço para se cometer erro.

Os erros mais comuns que surgiram foram:

- Pontuação, ou seja, não conseguiram assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura; não conseguiram separar palavras, expressões e orações que deveriam ser destacadas, e não conseguiram esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambigüidade;
- Colocação pronominal, sinal claro de que nem sempre se percebe a escrita como algo diferente da fala (o pronome antes do verbo é típico do falar do Brasil);
- Concordância verbal e nominal;
- Ortografia;
- Sintaxe (organização das palavras na oração e das orações no período);
- Uso de termo coloquial.

Dos 18 alunos que redigiram o suficiente para uma análise mais detalhada, apenas 6 não tiveram qualquer tipo de erro; 6 tiveram erros de gramática e ortografia e um outro tipo de erro possivelmente mais grave do que o gramatical ocorreu nas respostas dos 6 alunos restantes: dois deles não deram justificativa alguma para suas respostas e os outros quatro tiveram a justificativa implícita em sua redação, ou seja, eles não dizem claramente como fazem para ensinar crianças ou outras pessoas a redigir, apenas vão explicando os passos, como uma receita, sem justificarem o que realmente fazem. Destes 6 alunos restantes, nenhum teve erro de gramática e ortografia, mas 4 alunos assinalaram que melhorariam na redação a capacidade de colocar no papel "as suas idéias", admitindo ter o problema.

Verificou-se que houve problemas com a leitura da questão 7, que não foi devidamente compreendida, pois, sendo a última do questionário, a questão deveria ser respondida face às dificuldades de leitura e redação apontadas ou não anteriormente, ou seja, pressupunha que, ao respondê-la, os sujeitos levassem em consideração o quanto seus problemas de leitura e escrita influenciariam seu desempenho como professores.

CONCLUSÃO

A análise geral das respostas é extremamente contraditória, como já foi apontado em vários momentos, pois não corrobora as respostas dadas pelos sujeitos em 1 e 2. O resultado do estudo de caso mostra um não reconhecimento dos

problemas de leitura e escrita que os sujeitos efetivamente têm, o que tem consequências sérias para a vida pessoal e profissional desses sujeitos, uma vez que não há como melhorar algo que, para os sujeitos, não existe. É importante ressaltar que as dificuldades apontadas persistiram, a despeito do curso de língua portuguesa com duração de um ano que os alunos estudados tiveram. Tal constatação indica a necessidade de todo o corpo docente empenhar-se no trabalho de tornar seus alunos conscientes de suas limitações para que possam superá-las. Se a universidade como um todo se dedicasse a enfrentar o problema da falta de proficiência em leitura e escrita da língua materna (problema que não se originou na universidade), seus alunos só teriam a ganhar, tanto pessoal como profissionalmente.

Uma segunda explicação para as incongruências observadas nas respostas seria a possível falta de comprometimento com que os sujeitos responderam ao questionário, mas isso não pode ser medido neste estudo. Portanto, consideraremos as respostas fidedignas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência. O dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2000.

ALVES, Rubem. *Como ensinar o prazer de ler*. Folha Sinapse, 30/03/2004.

ALVES, Rubem. *A arte de saber ler*. Folha Sinapse, 17/02/04.

FRANCHI, Eglê. *A redação na escola. E as crianças eram difíceis*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

FREIRE, PAULO. *Professora SIM tia NÃO: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água. s/d.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1987.

KRAMER, Sonia. *Leitura e escrita de professores*. Revista Brasileira de Educação - Texto apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1997.

KURY, Adriano da Gama. *Para falar e escrever melhor o português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. 1996. (Série Temas, Volume 58).

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. Leitura: você faz a diferença. *Revista Nova Escola*, dez.2003.

LANDEIRA, José Luis. A redação e o vestibular. *Folha Sinapse*,17/02/04.

LIMA, Bruno – Currículo – O bê-á-bá na faculdade. *Folha Sinapse*, 29/06/03.

LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANGUEL, Alberto. *Ler é poder. Veja*, 7 jul. 1999.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 74).

PCN -Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais e língua portuguesa/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental e Ensino Superior. –3.ed. – Brasília, 2001.

PENNAC, Daniel: *Como um romance*. 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras. ALB, 1996.

RODRIGUES, Leandro. A língua maltratada. *Ensino Superior*, nov. 2003, p.16.